

EDITORIAL

Efeitos positivos da crise

Os efeitos da crise financeira internacional se fizeram sentir, com maior intensidade, no País, apenas nos quatro primeiros meses deste ano. A recessão trouxe, também, algumas vantagens, por paradoxal que possa parecer. Um levantamento da Fundação Getúlio Vargas comprova haver barateado o prato mais recorrente na mesa do brasileiro: o feijão com arroz. Nos últimos três meses, os preços desses dois produtos, imprescindíveis no cardápio da maioria da população, sofreram intensa queda.

As razões para tanto estão situadas em dois fatores. Em primeiro lugar, houve aumento na oferta resultante da produção interna e, paralelamente, o desaquecimento das exportações, gerando excedentes. Como o arroz do Mercosul também influencia o mercado interno, gerou-se um ambiente favorável à queda na cotação do produto. O feijão, por sua vez, produzido e consumido no mercado interno, tem registrado boas safras, estabilizando os preços cotados na comercialização.

Essa tendência já vinha sendo observada há algum tempo. Numa série histórica dos últimos doze meses, o feijão e o arroz, comercializados no varejo, acumularam uma queda de 25,19%. Essa diferença, contudo, não foi transferida para o consumidor, de forma generalizada, como era de se esperar. Os dois produtos têm pesos específicos na composição dos índices de mensuração dos reflexos inflacionários e do custo de vida calculado a partir da cesta básica.

Outro estudo setorial elaborado pela Fundação Getúlio Vargas comprovou a recuperação econômica das seis principais regiões metropolitanas brasileiras. A desigualdade,

bem acentuada nos primeiros meses deste ano, quando a crise econômica se agravou, praticamente voltou aos níveis observados há doze meses. A comprovação está contida na análise sobre a evolução da renda na Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE.

Ao comparar os números sobre pobreza e desigualdade no País, entre 2003 e 2008, a avaliação da FGV observou haver uma queda constante, interrompida, porém, em janeiro passado, quando os efeitos da crise mais se refletiram nas regiões metropolitanas. A pesquisa se concentrou nos dados relativos a São Paulo, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Em julho de 2003, 47% dos cidadãos brasileiros se encontravam nas classes D e E, definidas pelo enfoque econômico e assim aceitas como aquelas em que a renda domiciliar total é inferior a R\$ 1.115,00. Os efeitos positivos se fizeram sentir ao longo da série histórica e em julho de 2008 essa proporção havia caído para 33%. Em julho de 2009, havia outro declínio, desta vez, para 32%.

A pesquisa projeta os efeitos da crise mais acentuados nas capitais e menos nas cidades integrantes de suas regiões metropolitanas. E justifica essa diversidade pela influência dos mercados financeiros com maior peso nas grandes cidades. As áreas periféricas foram assim pouco alcançadas pelo processo recessivo. As capitais, onde está o grande peso da industrialização, foram mais afetadas pela crise externa, hoje, em busca de superação.

A experiência tem mostrado que os períodos difíceis também podem revelar efeitos positivos.